

**29 de abril – informe de fronteira, translúcida!**

Estevan de Negreiros Ketzner<sup>1</sup>

*Para Thabita Abraham*

Eu aterrissei contigo de Alfa Centauro, agorinha, em Strasbourg! Acho que foi por cima das costas de um corvo que voa insólito entre os prédios, sem temor, nem caô, nem *never more*, como de Poe para Helenor. Aqui na França a paixão nunca acaba! Foram 1750 imigrantes mortos em 111 dias. São parlamentares com sede, querendo trocar uma vida humana por um mandato, como se troca de camisa, suja, amarfanhada e sem desodorante. Essa semana Berlusconi denominou de “baratas” os refugiados da Líbia. Será a cor de suas peles? Ou a dificuldade de falar corretamente o francês... Serei eu também uma “barata” que lê Kafka em português por não ser cidadão alemão? “*C’est dommage que ton français est mal*”, dito isso por um professor de francês não me soa confortável (acho que o Tom Zé teve esse mesmo problema na Suíça, lá ele brigou com o operador de som, porque nós brasileiros de algum jeito gostamos de relações mais calorosas e não somos nada formais). Tentamos um protesto no Parlamento Europeu, 3 amigos e mais 30 manifestantes que não fizeram como o resto da cidade que saiu de férias. Repito que não vim de navio, tão pouco me suicidei ao mar por medo de levar um tiro da guarda costeira, como muitos deles fizeram. Creio, certamente, ter sido devorado por uma baleia, oculto por um véu de incapacidade em transcender os degraus da razão. Um Leviatã um tanto maternal... como será no dia 30 de abril a violência contra os professores no Paraná. E, no entanto, o que vejo aqui são simplesmente moscas no lixo do meu apartamento, voando no aeroporto que o tempo impôs sobre a minha careca. Sobre ser mãe, lembrei que domingo passado fui ao parque e lá os ninhos das cegonhas que me

---

<sup>1</sup> Psicólogo clínico. Doutorando em Letras pela PUCRS. Trabalha a interseção entre literatura, filosofia e psicanálise. Email: [estevanketzer@ibest.com.br](mailto:estevanketzer@ibest.com.br).

fizeram lembrar que tenho um filho no Brasil. Voltando em casa fiz contato com ele. Como engatinhou bem, na minha frente, entre as cadeiras da casa de seu avô, pude ver bem pela tela do computador. E fim de transmissão. Quanto tempo, mesmo? Cinco minutos. Minha *internet* não deve estar nos padrões internacionais.

Descobri como se compõe uma valsa para a solidão! Basta cantar uma música enquanto passeio de bicicleta por uma floresta cheia de *bunkers* alemães da Segunda Guerra tomados pelo mato. Mas o que me deu medo foi a aprovação de 800 milhões de euros para o orçamento militar que François Hollande deu aval hoje pela manhã. Também é possível dançar um canto funerário, como fez o jihadista Sid Ahmed Ghlam para Aurélie Châtelain, a jovem que ele foi acusado de ter assassinado. Eles logo serão esquecidos, tenho certeza. Não menor é a ironia de que o Brasil quer de algum jeito mostrar o quanto a Indonésia é desumana, não devendo assassinar um traficante que colocou cocaína em pranchas de *surf* e foi rapidamente diagnosticado com esquizofrenia. Onde está o Batman nessas horas?

Você me enviou uma mensagem pelo *Face* achando que por ser de família árabe pode ser interpretada como terrorista aqui. Não, de forma alguma! Todas as mulheres árabes usam um xale e são cidadãs. Olha ali, uma bomba! *Regardez, s'il vous plaît*. Não, o problema são os fundamentalistas evangélicos brasileiros que não deixam seus filhos lerem *Macunaíma*, por ser este um herói nacional que gosta de outros homens. Para eles isso não é preconceito. O que se pode fazer para dialogar se ninguém se dispõe a ler um livro? Nacionalismo, ufanismo, academicismo, hermetismo... Caetano iria dizer: "Mas como você é burro, cara!" Eu procuro o espiritualismo e não vi nada disso até agora, como lhe falei. O problema também é fazer rir e que problema enorme. Se você for comediante e citar o nome da Cicarelli pode ser processado por danos morais por um advogado inescrupuloso (Daniel Furlan que o diga). Você sabia que um dano moral pode ter ressarcimento com dinheiro? Isso não é curioso? Eu me pergunto sobre a possibilidade de escrever literatura e falar das coisas verdadeiramente. Ou é falsa a ideia de que um poema não

se diferencia de um aperto de mão, como disse certa vez Paul Celan? E aqui persisto, insisto, que volte a estudar Relações Internacionais, apesar do núcleo leninista-estrategista-belicista que impera na sua universidade. *Hiroshima, mon amour* ou *Apocalypse now*?

É. Depois de recitar em hebraico *Baruch ata adonai*, coloquei meu *Keffieh* palestino que ganhei de alguém que não conheço que foi a uma festa que eu não participei. Tudo isso para proteger meu pescoço e comprar pão na esquina. Não adiantou, pois estou com a garganta irritada e sem dormir direito. Tem um campo de concentração aqui perto, bem preservado. O único em solo francês! Sei que vou sair de lá mal, mas uma dose de história é importante pela manhã, para lembrar que também sou gente. Preciso fazer esse esforço de me olhar no espelho antes de sair de casa, mesmo que não consiga enxergar bem sem meus óculos.

Besos